

Quem está realmente bem? – As Bem-Aventuranças

Dallas Willard

Bem-aventurados os espezinhados, os estapeados, os traídos. Paul Simon

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Mateus 5.3

Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros. Mateus 19.30

O ENIGMA DAS BEM-AVENTURANÇAS

Aquilo que chamamos de Sermão do Monte é um resumo dos ensinamentos de Jesus sobre como viver efetivamente na realidade do presente reino de Deus, que nos é acessível no próprio espaço que cerca o nosso corpo. O resumo termina com a declaração de que todos os que ouvem e fazem o que ele diz terão uma vida que tudo suporta – ou seja, uma vida para a eternidade, pois já está no eterno (Mt 7.24-25).

Como grandes pensadores fizeram antes e depois dele, Jesus lida com as duas principais questões que a humanidade enfrenta.

Primeiro há a questão de qual vida é a vida digna. O que é genuinamente do meu interesse e como posso alcançar o verdadeiro bem-estar? Logicamente já sabemos que a vida na vida divina será a vida digna, e a repetida afirmação acerca da imediata disponibilidade do reino sempre conservou essa verdade fundamental diante dos olhos de seus alunos e ouvintes.

Mas no tempo de Jesus, como também hoje, havia um ponto de muita controvérsia: quem pode estar plenamente convicto de ter essa vida? Aquilo que chamamos de Bem-aventuranças ele nos deu para ajudar a esclarecer essa questão. As Bem-aventuranças e o epílogo vital que as acompanha ocupam Mt 5.3-20.

A segunda questão que Jesus aborda no sermão diz respeito a quem é verdadeiramente bom. Quem é que tem o tipo de bondade

encontrada no próprio Deus, constituindo a semelhança familiar entre Deus e seus filhos? Essa questão é abordada no restante do sermão, de 5.20 a 7.27. Voltaremos à resposta de Jesus a questão no capítulo seguinte.

Não foi sem razão que a doutrina de Jesus em resposta a essas duas grandes questões se revelaram os ensinamentos mais influentes que já surgiram na face deste exausto planeta. Isso não quer dizer que tudo o mais que se produziu na história humana não tenha valor. Longe disso. Mas a sua doutrina sobre o que é bom para o ser humano é, tomada no seu todo, única e singularmente profunda e poderosa.

Para alcançar uma plena compreensão da sua força e profundidade nada nos seria mais útil do que a comparação mais honesta e meticulosa dessa doutrina com todas as alternativas promissoras.¹ Mas isso exige um tipo diferente de livro, e simplesmente não podemos empreender tal comparação aqui. Vamos nos concentrar diretamente naquilo que o próprio Jesus ensinou. E a primeira questão é: quem é que, segundo Jesus, tem a vida digna.

Suave veneno?

As Bem-aventuranças são a resposta definitiva de Jesus a essa pergunta. Elas estão entre os tesouros literários e religiosos da humanidade. Ao lado dos Dez Mandamentos, do Salmo 23, da Oração do Senhor e de bem poucas outras passagens da Bíblia, elas

¹ Quem estudar a vida dos grandes mestres da moral, ocidentais ou orientais, vai verificar que eles se preocupam com essas duas questões básicas. *A República*, de Platão, e *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, são dois bons pontos de partida, mas convém avançar até os grandes moralistas do período moderno, como Thomas Hobbes, John Locke, Immanuel Kant e John Stuart Mill. Nota-se entre os moralistas modernos que eles, com poucas exceções, respeitam muito a Jesus e reconhecem a sua autoridade, pois tentam inclusive identificar a sua própria teoria com os ensinamentos de Cristo. Uma descrição e avaliação historicamente correta dos efeitos históricos da vida e dos ensinamentos de Jesus sobre a moral teórica e prática se encontra em W. E. H. Lecky, *History of European Morals from Augustus to Charlemagne*, 3ª ed, revista (Nova York: D. Appleton, 1916), especialmente os capítulos 3 e seguintes. No início do século XX ainda não se achava esquisito que um professor de filosofia da Universidade Harvard concluísse uma aclamada série de palestras dizendo: “A ética é certamente o estudo de como a vida pode ser plena e rica, e não, como muitas vezes se imagina, como ela pode ser limitada e pobre. Essas palavras de Jesus... anunciando que ele viera para que os homens tivessem vida, e vida em abundância, são a declaração mais clara dos objetivos tanto da moralidade quanto da religião, da justiça terrena e celeste” (George Herbert Palmer, *The Field of Ethics* [Boston: Houghton Mifflin, 1929], p. 213). O fato de tal declaração representar hoje um suicídio profissional nos diz muito sobre a nossa condição presente.

são reconhecidas por praticamente todo mundo como algumas das mais elevadas expressões de intuição e inspiração moral religiosa. Podemos saboreá-las em placas para penduras nas paredes, mas persiste uma importante questão: como devemos *viver* em conformidade com esses preceitos?

A pergunta não é irrelevante. Interpretações equivocadas das Bem-aventuranças dadas por Jesus em Mateus 5 e Lucas 6 já causaram muita dor e confusão ao longo dos séculos, e continuam hoje a fazê-lo. Por estranho que pareça, as Bem-aventuranças nem sempre foram uma bênção. Para muitos elas se revelaram nada menos que um suave veneno.

Certa vez, depois de eu ter discorrido sobre as Bem-aventuranças, uma senhora veio falar comigo e disse estar grandemente aliviada com aquilo que acabara de ouvir. Ela me contou que seu filho havia abandonado a fé cristã e deixado a igreja por causa das Bem-aventuranças. Era um homem forte e inteligente que optara pela carreira militar. Como muitas vezes acontece, lhe disseram que as Bem-aventuranças – com a sua lista dos pobres e dos tristes, dos fracos e dos mansos – eram o retrato do cristão ideal. Ele foi bem franco com a sua mãe: “Isso não sou eu. Nunca vou poder ser assim”.

Certamente esse homem não era perfeito e poderia ter feito várias mudanças para melhor. Mas será que é isso que devemos fazer com as Bem-aventuranças – “Ser assim”? Francamente, a maior parte das pessoas acha que sim. Mas elas estão redondamente enganadas. Mais comum do que a direta rejeição dessa interpretação do cristianismo é a culpa constante e consciente que sofre a pessoa por não estar, ou não querer estar, na lista dos supostamente preferidos de Deus. Esse tipo de culpa também alimenta uma mórbida vertente que infelizmente persiste no cristianismo histórico e que tem enfraquecido bastante o seu impacto para o bem na história e na vida das pessoas. Por outro lado, muitas vezes se enchem de orgulho aqueles que se consideram retratados nas Bem-aventuranças.

O contexto do ensinamento

Se descobrirmos o que o próprio Jesus tinha em mente com as Bem-aventuranças, aí sim saberemos o que fazer – e o que não fazer – com elas. Essa deve ser a chave para compreendê-las; afinal de

contas são as Bem-aventuranças de Jesus, não as nossas; portanto, não podemos fazer com elas o que quisermos. E, como os grandes mestres e líderes sempre desenvolvem a sua mensagem de modo coerente e ordenado, é de supor que o ensinamento das Bem-aventuranças é um esclarecimento ou desenvolvimento do seu tema primordial nesse sermão e na sua própria vida: *o acesso imediato dos homens ao reino dos céus*.² De que modo, então, as Bem-aventuranças desenvolvem esse tema?

No capítulo 4 de Mateus, vemos Jesus proclamando a sua mensagem básica (v. 17) e demonstrando essa mensagem ao agir *com* o reino divino dos céus, atendendo as desesperadas necessidades das pessoas que o cercavam. Como consequência, ele curava “toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam” (4.23-25).

Depois de atender as necessidades das pessoas que se aglomeravam em torno dele, ele quis ensinar-lhes e subiu até um lugar elevado – “ao monte” (Mt 5.1) – de onde todos poderiam vê-lo e escutá-lo bem. Porém, como muitas vezes se sugere, ele não se afasta da multidão para proferir um discurso esotérico de sublime irrelevância às gritantes necessidades daqueles que se acotovelavam em torno dele. Antes, no *meio* dessa massa de gente simples, que se mostra atenta a cada palavra – pois note o leitor que a multidão reage maravilhada ao final do discurso –, Jesus ensina o significado da disponibilidade dos céus aos seus alunos ou aprendizes e a todos os que estão ali ouvindo.

Creio que ele lançou mão do método de “dizer e mostrar” para deixar claro até que ponto o reino está “próximo” de nós. Estavam ali diante dele aqueles *que tinham acabado de receber graças dos céus*

² Alfred Edersheim percebe com acerto que o tema do Sermão do Monte não é “nem a justiça nem a Nova Lei (se é que essa designação é correta para algo que não é Lei em nenhum sentido), mas aquilo de mais íntimo e proeminente na Mente de Cristo – o Reino de Deus. Convém notar que o Sermão do Monte não contém um ensinamento doutrinário detalhado ou sistemático, nem ensinamentos sobre rituais; tampouco prescreve a forma de cerimônias exteriores... Cristo veio para fundar um Reino, não uma escola; para instituir uma fraternidade, não para propor um sistema. Para os primeiros discípulos, todo ensinamento doutrinário emanava da fraternidade com Ele. Eles O viam e, portanto, criam... A semente da verdade que caiu nos seus corações foi para lá carregada da flor da Pessoa e Vida de Jesus” (*The Life and Times of Jesus the Messiah*, 3ª ed., 2 v. [Grand Rapids: Eerdmans, 1953], v. 1, pp. 528-29).

por meio dele. O contexto deixa isso claro. Ele poderia apontar na multidão uma pessoa que era “bem-aventurada” porque o Reino no Meio de Nós havia se estendido a ela, tocando-a com o coração, a voz e as mãos de Jesus. Talvez seja por isso que nos evangelhos só vemos Jesus pregando Bem-aventuranças no meio de uma multidão de pessoas que ele havia tocado.

E, portanto, ele disse: “Bem-aventurados os analfabetos espirituais – os espiritualmente falidos, despossuídos e deficientes, os mendigos espirituais, aqueles que não têm nenhuma lágrima de ‘religião’ – quando o reino dos céus vem sobre eles”.

Ou: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. (N. do T.: O texto da ARA, que usamos como fonte das citações bíblicas neste livro, usa a expressão “humildes de espírito”) Essa, é claro, é a tradução mais tradicional e *literalmente* mais correta de Mt 5.3. Os pobres de espírito são bem-aventurados porque o reino de Deus está disponível para eles na sua pobreza espiritual. Mas hoje as palavras “pobres de espírito” já não carregam o sentido de carência espiritual que tinham originalmente. Surpreendentemente, passaram a denotar uma condição louvável. Foi por isso que, à guisa de correção, parafraseei acima o versículo. Sem dúvida Jesus tinha muitos exemplos dessa categoria na multidão que o cercava. A maioria dos 12 Apóstolos (se não todos) eram desse tipo, como muitos dos que agora lêem essas palavras.

Os “analfabetos espirituais” também desfrutam do desvelo do céu

Quando Jesus falava, em torno dele havia gente completamente destituída de qualidades ou capacidades espirituais. Você jamais poderia contar com eles para realizar alguma “obra espiritual”. Nada neles sugeria que o sopro de Deus pudesse se mover nas suas vidas. Não tinham nenhum carisma, nenhuma inclinação ou brilho religioso.

Eles “não conhecem a sua Bíblia”. Eles “não conhecem a lei”, como disse um crítico posterior da obra de Jesus. São “meros leigos”, que na melhor das hipóteses podem ocupar um banco de igreja ou, quem sabe, dar uma oferta. Ninguém os chama pra conduzir um culto ou

mesmo para fazer uma oração, e podem fraquejar se alguém lhes pedir isso.

Eles são os primeiros a lhe dizer que “realmente não entendem nada de religião”. Passam por nós às centenas ou milhares todo dia. Seriam os últimos a dizer que têm qualquer idéia sobre Deus. As páginas dos Evangelhos estão abarrotadas de gente assim. E no entanto: “Ele me tocou”. O reino dos céus desce sobre as suas vidas pelo contato com Jesus. E então eles também são bem-aventurados – curados no corpo, na mente ou no espírito – nas mãos de Deus.

Um ministro relata a sua experiência de tentar conduzir estudos bíblicos nas casas de pessoas pobres do norte do México. Nessas reuniões, logicamente a participação é sempre encorajada. Ele conta que, no início, lia uma passagem da Bíblia e perguntava: “O que vocês acham?” Ninguém respondia. Silêncio total. Isso acontecia seguidamente. Finalmente ele percebeu que ninguém nunca pergunta aos pobres o que eles *acham*.

Isso também faz parte do que significa ser pobre “de espírito”. Ninguém imagina que você tenha idéias que valham a pena ser ouvidas. A verdadeira pobreza na ordem humana é quase automaticamente tida como sinal de fracasso em todos os aspectos.

Profundamente revelador daquilo que pensamos de Deus é ver como os tradutores se esforçam para tornar essa condição de “pobreza espiritual” algo bom em si mesmo e assim merecedor da bem-aventurança. A maioria daqueles que não dão o significado literal indicado colocam algo como “humildes” no lugar.³

A primeira edição da *New English Bible*, por exemplo, trazia: “Quão bem-aventurados são aqueles que sabem que são pobres”. Trata-se claramente de uma tradução equivocada, que porém a segunda edição corrigiu, dando: “Bem-aventurados os pobres de espírito”.

A geralmente excelente versão de Berkeley traz: “Bem-aventurados aqueles que se dão conta da sua pobreza espiritual, pois deles é o reino dos céus”. Outra tradução *obviamente* equivocada quando comparada com o grego. É um erro de tradução imposto pela necessidade de dar sentido a algo que simplesmente não se

³ Foi um estudo comparativo das traduções publicadas de Mt 5.3, com algum auxílio de Steven Graves, que primeiro me alertou para o fato de que deveria haver alguma coisa terrivelmente errada na interpretação habitual das Bem-aventuranças de Jesus.

compreende. Se a língua grega quisesse dizer algo sobre saber ou perceber que não se têm bens espirituais, não teria dificuldades para fazê-lo. Mas não diz nada disso.

Essa dificuldade na tradução reflete a nossa forte necessidade de encontrar na condição mencionada algo de bom, algo que Deus supostamente deseja ou até exige, que então sirva como fundamento “sensato” para a bem-aventurança que ele confere. Mas isso nos faz perder de vista justamente aquilo a que as Bem-aventuranças deveriam nos chamar a atenção.

Jesus não disse – “Bem-aventurados os pobres em espírito *porque* são pobres em espírito”. Ele não pensava: “Que coisa excelente é ser desprovido de toda realização ou qualidade espiritual. Isso torna as pessoas dignas do reino”. E nós deturpamos o significado muito mais profundo desse ensinamento sobre a disponibilidade do reino substituindo o estado de pobreza espiritual – de modo nenhum bom em si mesmo – por algum estado mental ou atitude supostamente elogiável que nos “qualifica” para o reino.⁴

Ao fazê-lo simplesmente substituímos a extática declaração do evangelho por outro legalismo banal. Os pobres em espírito são chamados “bem-aventurados” por Jesus não porque estejam numa condição meritória, mas porque *precisamente apesar disso e em*

⁴ No seu inestimável estudo do Sermão do Monte, Robert Guelich distingue dois usos bíblicos da expressão “Bem-aventurados os...”. Um deles Guelich considera ligado ao “culto da sabedoria”, o outro a uma vertente “apocalíptico-profética”. No primeiro caso, a bem-aventurança declarada é de fato fundada na condição mencionada, de modo que a condição é naturalmente entendida como parte da sabedoria. Esse uso certamente está presente no Novo Testamento (e.g., Mt 24.46; Lc 11.27-28; e Tg 1.12) e alhures. No segundo caso, segundo Guelich, “a bem-aventurança é uma declaração de futura justificação e recompensa. Vem como garantia e incentivo diante da tribulação” (*A Foundation for Understanding the Sermon on the Mount* [Dallas: Word Publishing, 1982], p. 65). Ele julga que “as Bem-aventuranças de Lucas são consideradas escatológicas, enquanto as de Mateus mais parecem pré-requisitos para entrar no Reino”. Depois Guelich sugere que, na sua opinião, isso é *só* aparência. O que a distinção feita por ele continua a desprezar, temo eu, é que nas Beatitudes de Jesus a bem-aventurança, seja relativa à sabedoria seja à libertação futura, vem não por causa da condição mencionada, mas precisamente apesar dela. Embora a equilibração das coisas não seja estranha ao pensamento de Jesus (Lc 16.25), ser pobre, em bens espirituais ou terrenos, chorar, ser perseguido, etc. – nada disso é considerado por Jesus ou por outro autor do Novo Testamento como causa ou fundamento da bem-aventurança no reino. Além disso, o elemento escatológico, embora certamente presente em casos óbvios, jamais é tido como exclusivo da bem-aventurança presente – em meio à confusão, por assim dizer. Para Jesus, os pobres, famintos, etc., são também bem-aventurados agora, pois a mão de Deus está neles agora. Veja, por exemplo, o constante testemunho pessoal de Paulo a esse respeito (At 16.25; 2Co 1.3-12, 4.8-18, 6.4-10; Fp 4.6-19; 1Tm 6.6-8). É algo que pode nos deixar boquiabertos, mas a bem-aventurança é possível a todos agora, *independentemente* de qual seja a situação. Essa é a esperança do evangelho de Jesus – o que não vale de maneira nenhuma como desculpa para deixar de mudar situações que devem ser mudadas.

meio à sua sempre tão deplorável condição o reino dos céus lhes traz a redenção pela graça de Cristo.

Alfred Edersheim está, portanto, absolutamente certo ao dizer que

No Sermão do Monte... as promessas ligadas, por exemplo, às chamadas “Bem-aventuranças” não devem ser consideradas como *recompensas* dos estados espirituais a que estão respectivamente vinculadas, nem como seu resultado. Não é *porque* um homem é pobre em espírito que dele é o Reino dos Céus, no sentido de que um estado irá dar no outro, ou ser o seu resultado; menos ainda é uma recompensa do outro. O elo de ligação em cada um dos casos é o próprio Cristo: porque Ele... “abriu o Reino dos Céus a todos os crentes”.⁵

Ainda no controle

Os espiritualmente empobrecidos que estavam na multidão diante de Jesus só são bem-aventurados porque o gracioso toque dos céus desceu gratuitamente sobre eles. Mas as traduções equivocadas que destacamos continuam atraentes porque se ajustam ao nosso senso humano de adequação que se insurge contra a bênção divina às pessoas só por causa da sua necessidade ou só porque ele assim decidiu – ou talvez só porque alguém lhe tenha pedido.

Esse mesmo senso de adequação pode até nos possibilitar driblar totalmente o contato com Jesus nas suas próprias Bem-aventuranças. De fato, a maioria das interpretações das suas palavras consegue esquecer até que ele está presente.

Se tudo o que precisamos para ser bem-aventurados no reino dos céus é ser humildes reconhecendo a nossa pobreza espiritual, então basta fazer isso para alcançar a bem-aventurança. Escapamos à humilhação da incompetência espiritual porque, por estranho que pareça, conseguimos transformá-la em realização espiritual só por reconhecê-la. E escapamos ao constrangimento de receber pura misericórdia, pois o nosso humilde reconhecimento torna de algum modo apropriada a bem-aventurança.

⁵ Edersheim, *Life and Times*, p. 529.

Encontramo-nos num estado de humilhação, talvez, mas ao menos sabemos disso – e então podemos ousadamente ostentá-lo, com orgulho até, como um sinal de virtude. Resgatamos para nós uma comovente porção de justiça. E, de qualquer maneira, porventura não são humildes todas as pessoas boas? Então todas as pessoas boas têm o reino dos céus! Que outro papel tem Jesus nisso a não ser o de mostrar o bom senso de percebê-lo e dizê-lo?

E logicamente isso significa também que temos toda a condição de explicar claramente às pessoas como elas podem construir o seu caminho para o reino. Talvez muitas achem que já estão lá! “Basta ser humilde”, diz-se. (Quem é que não se acha humilde? Alguns apenas, talvez.) Essa solução muito agradará aos intelectuais e eruditos, que, pela minha experiência, orgulham-se especialmente de ser humildes em relação ao seu intelecto.

Mas esse modo de ler as Bem-aventuranças também dá a diversos tipos de pessoas acesso automático ao reino dos céus, e de maneiras muito convenientes – especialmente se concebem um Deus remoto e não um Rei presente. Caso não possam ser humildes, talvez consigam chorar ou ser mansos ou se tornar perseguidos, e assim uma das outras Bem-aventuranças, segundo essa interpretação, assegurará a sua felicidade.

Aqui temos um caso gritante de salvação por atitude, senão por obras. Ou mesmo por circunstância, por exemplo – atitudes ou circunstâncias meritórias garantem a aceitação de Deus! Será possível que Jesus tinha algo desse tipo em mente?

E os que não estão na “lista”?

Concluimos essa interpretação popular das Bem-aventuranças com o seu passo final e fatal. Não só as condições mencionadas – pobreza de espírito, aflição, mansidão e assim por diante – são condições meritórias que de alguma maneira quase “obrigam” que Deus alce as pessoas à posição de bem-aventurança, e não só você pode estar seguro de se achar no reino se realmente buscar ser assim ou se encaixar nessas condições, mas se você *não* se enquadra nelas, certamente não será abençoado. Se você não está na lista não está no reino. Talvez nem vá para o “céu” quando morrer. Já ouvi isso de numerosos professores cristãos. Se o objetivo de Jesus aqui é nos

dizer o que fazer para entrar na vida do reino, não devemos acaso crer que ele nos deu uma lista *completa*? Se esse era o seu objetivo, será que ele deixaria de mencionar outras maneiras possíveis de entrar no reino?

Que a lista é completa e exclui outras maneiras de entrar no reino parece comprovado pelas “desgraças” ou “infortúnios” pronunciados ao lado das “bem-aventuranças” na versão de Lucas:

Ai de vós, os ricos!
 porque tendes a vossa consolação.
 Ai de vós, os que estais agora fartos!
 porque vireis a ter fome.
 Ai de vós, os que agora rides!
 porque haveis de lamentar e chorar.
 Ai de vós, quando todos vos louvarem!
 porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.

Não são os ricos aqueles que não são pobres, os que riem aqueles que não choram, os populares aqueles que não são perseguidos?

O que poderia ser mais claro que isso? Se a interpretação usual das Bem-aventuranças de Jesus como orientações sobre o modo de alcançar a bênção está correta, você *teria de ser* pobre, teria de chorar, teria de ser perseguido, e assim por diante, para estar entre os bem-aventurados. Seria de esperar, portanto, que qualquer um que aceitasse sinceramente essa interpretação procurasse se tornar pobre, triste, perseguido e assim por diante, mas muito pouca gente realmente age assim. Será que basta simplesmente sentir-se culpado por não fazê-lo?

Não vale para hoje?

Assim fica fácil perceber por que muitos decidiram que o Sermão do Monte, que começa com as Bem-aventuranças, não pode valer para o presente – para “esta dispensação” ou a época atual -, mas deve passar a vigorar no Milênio, ou quem sabe só no além. A nossa era é uma era de *graça*, dizem eles. Já não sofremos muito para firmar essa idéia? Como entrar no reino de Deus, segundo a interpretação mais comum das Bem-aventuranças, obviamente não é uma questão

de graça mas de alcançar condições especiais, então a era atual não pode ser a era do reino. É assim que muitos pensam. ⁶

Tal interpretação explica o fato de que entre os evangélicos, até cerca de vinte anos atrás, não se podiam ensinar os princípios do reino para esta vida sem ser acusado de pregar um evangelho meramente “social”. Esse evangelho buscava realizar o reino de Deus enfatizando as reformas legais e sociais ditadas pelos imperativos cristãos. E era de fato, apesar da sua boa intenção, uma forma de “salvação pelas obras” – forma que sobrevive hoje no plenamente secularizado movimento pela “ética social”. É claro que, segundo essa ótica, a única salvação em questão era salvar as pessoas da privação e do sofrimento nesta vida.

Mas supor que a doutrina de Jesus sobre o reino dos céus não serve para hoje é exatamente como defender que o salmo 23 não vale para hoje. É verdade que o chamado de Jesus ao reino *agora*, exatamente como no salmo, é de natureza tão radical e tão absolutamente subversivo em relação à “vida habitual” que qualquer pessoa que o leve a sério se verá sobre contínua tentação de desvinculá-lo da existência humana “normal”. É por isso que “O SENHOR é o meu pastor” está gravado mais em lápides que em vidas.

Por outro lado, o claro intento do Novo Testamento como um todo é que os ensinamentos de Jesus devem ser aplicados agora. Pois se não é assim, tampouco valerá para o agora tudo o que o Novo Testamento diz sobre a vida. É impossível dizer coerentemente que as grandes passagens, como Romanos 8, 1 Coríntios 13, Colossenses 3 e Gálatas 5, por exemplo, são para o agora – como todos admitem -

⁶ Largamente popular, a Bíblia de Estudo Scofield é famosa há bastante tempo por assumir a posição dispensacionalista. A conseqüente postura em relação às palavras de Jesus é expressa com clareza numa nota de pé de página relativa a Mt 5.6 na Nova Edição Padrão Americana de 1988. Ali lemos o seguinte: “No Sermão do Monte, Cristo estabelece o perfeito parâmetro de justiça exigido pela lei (ver 5.48), demonstrando assim que todos os homens são pecadores, incapazes de se elevar ao parâmetro divino, e que, portanto, a salvação pelas obras da lei é uma impossibilidade”. Concluímos então que Cristo é mais duro que Moisés. O seu ser superior lhe permite exercer ainda mais pressão sobre a incapacidade humana e, espera-se, aumentar a garantia de que os homens desistirão. Assim, a interpretação paradigmática do ensinamento paulino de que “a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé” (Gl 3.24) é esta: ela o faz unicamente nos forçando a conhecer a nossa desesperada necessidade. Estranhamente, a nota seguinte de Scofield ao Sermão do Monte afirma o seguinte: “Embora a lei expressa no Sermão do Monte não possa salvar pecadores (Rm 3.20), e embora os remidos da era atual não estejam sujeitos à lei (Rm 6.14), ainda assim a lei mosaica e o Sermão do Monte fazem parte da Sagrada Escritura inspirada por Deus, sendo, portanto, úteis ‘para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça’ (2Tm 3.16) dos remidos de todas as eras”. Não fica claro como isso deve se dar. Sem dúvida pressupõe-se a distinção, vista no capítulo 1, entre a salvação e a vida cristã.

ao mesmo tempo relegando o Sermão do Monte e outras passagens do Evangelho à próxima dispensação ou vida. Não pode ser assim simplesmente porque elas dizem na verdade as mesmas coisas.

Dizem, por exemplo: “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (Cl 3.12). Ou então: “O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Co 13.4-7).

A hipótese que se levanta nesse ponto de que os ensinamentos de Paulo são “para a era da igreja”, enquanto os de Jesus são para “outro tempo”, simplesmente não resiste à análise. Se a sua mentalidade e a sua vida realmente se conformam ao que dizem as cartas de Paulo, você encontrará pouca novidade ao examinar o Sermão do Monte.

Em vez de negar a relevância dos ensinamentos de Jesus para o presente, simplesmente devemos reconhecer que ele tem sido interpretado equivocadamente. As Bem-aventuranças, em particular, não são ensinamentos sobre *como* ser bem-aventurado. Não são instruções para fazer nada. Não indicam condições especialmente agradáveis a Deus ou boas para os homens.

Na verdade ali não se diz que ninguém está em boa situação por ser pobre, por chorar, por ser perseguido e assim por diante, ou que as condições listadas são formas recomendáveis de alcançar a felicidade perante Deus ou os homens. Tampouco as Bem-aventuranças indicam quem estará por cima “após a revolução”. *São explicações e exemplos, extraídos do ambiente circundante, da atual acessibilidade do reino via relacionamento pessoal com Jesus.* Destacam exemplos para demonstrar que, em Jesus, o divino reino dos céus está verdadeiramente disponível mesmo em circunstâncias de vida absolutamente desesperadoras do ponto de vista humano.

Dicas de que nos equivocamos na sua interpretação se encontram nisso que já dissemos acima, mas agora trataremos de examinar mais detidamente o *modo* como Jesus ensinava, a estratégia que ele empregava para ensinar. Fazendo assim poderemos voltar às Bem-

aventuras com a alegria e o insight que elas trouxeram aos que por primeiro as ouviram.

As Bem-aventuras simplesmente não podem ser uma “boa nova” se forem compreendidas como uma série de instruções para que a pessoa alcance a felicidade. Nesse caso não passariam de um novo legalismo. Não serviriam para abrir as portas do reino – muito pelo contrário. Imporiam um novo tipo de farisaísmo, uma nova forma de fechar a porta – e também novas possibilidades, e bem gratificantes, para a engenharia humana da retidão.

TRATANDO DA ALMA EM PROFUNDIDADE

O método de ensino de Jesus

Como já sugerimos na nossa referência à técnica do “dizer e mostrar”, Jesus ensina de modo contextualizado e concreto, partindo do ambiente circundante, se possível, ou pelo menos de acontecimentos da vida comum. Isso se vê no conhecido hábito de Jesus de recorrer a parábolas – que, segundo indica a origem dessa palavra grega (*paraballein*), significa literalmente jogar uma coisa para baixo ao lado de outra. Parábolas não são simplesmente belas histórias fáceis de lembrar; antes, elas nos ajudam a compreender algo difícil comparando-o com (colocando-o lado a lado com) alguma coisa que conhecemos bem, sendo sempre alguma coisa concreta e específica.

O método “concreto” de ensino empregado por Jesus vai além do uso de palavras, entretanto. Vê-se isso no modo como ele utiliza para os seus propósitos coisas que ocorrem à sua volta. Por exemplo, em certa ocasião em que ele ensinava a multidão, um homem lhe pediu que fizesse o seu irmão dividir com ele a herança, dando-lhe a sua parte para que ele pudesse começar a sua vida. Jesus responde com a história de uma pessoa que tem toda a riqueza que deseja – e no entanto nada tem (Lc 12).

Noutra oportunidade, estando Jesus em meio à multidão, sua mãe e seus irmãos mandaram lhe dizer que queriam falar com ele. Jesus aproveita a ocasião para chamar a atenção para a nova família no reino dos céus, salientando que aqueles que fazem a vontade do seu

Pai celestial são seus irmãos, irmãs e mães na família do reino (Mt 12).

Ainda noutra ocasião, durante a ceia pascal com os seus discípulos mais próximos, Jesus usa elementos simples como pão e vinho a fim de comunicar os mais profundos significados da sua morte para a nossa nova vida “lá do alto”: “*Isto é o meu corpo*”; “*Isto é o meu sangue*” (Mt 26).

Nada é mais forte concretamente que o corpo e o sangue.

O ensinamento que corrige suposições e práticas dominantes

Mas o curso do concreto nos ensinamentos de Jesus assume ainda outra forma, esta absolutamente necessária para que compreendamos as Bem-aventuranças. Um bom exemplo são os episódios em que ele corrige uma suposição ou prática *geral* que se considera válida para a situação em questão. Ele o faz salientando que o caso enfocado proporciona uma exceção, e mostra que a suposição ou prática geral é uma diretriz pouco confiável para a vida em Deus.

Marcos, capítulo 10, nos traz a conhecida história do “homem rico”, que tem interessantes implicações para a primeira bem-aventurança de Lucas: “Bem-aventurados vós, os pobres”. A suposição comum da época, como em muitas épocas posteriores, era de que a prosperidade dos ricos indicava a graça especial de Deus. Senão como seriam ricos, se se supõe que é o próprio Deus quem controla a riqueza da terra? Mas esse jovem amava mais a sua riqueza do que a Deus. Quando teve de optar entre continuar a tocar o seu negócio e servir a Deus, ele escolheu as riquezas – embora com grande relutância.

Jesus então comentou com os seus alunos o quanto é difícil para os ricos se colocar sobre a regência de Deus, o quanto para eles é difícil entrar no reino. Eles ficaram espantados por causa da difundida suposição de que riqueza *significava* o favor de Deus. Em resposta à sua surpresa, Jesus continuou a explicação: “Quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico

no reino de Deus”. Mas essa “explicação” deixou-os totalmente confusos. Ficaram “sobremodo maravilhados” e murmuraram uns com os outros: “Então, quem *pode* ser salvo?” (v. 26).

É vital observar aqui aquilo que Jesus *não* disse. Ele não disse que os ricos não podem entrar no reino. Disse de fato que podem – com o auxílio de Deus, que é o único modo de qualquer pessoa fazê-lo. Tampouco disse ele que os pobres têm, no geral, alguma vantagem sobre os ricos no tocante a “ser salvos”. Usando o caso em questão, Jesus simplesmente derruba a idéia geral dominante a respeito de Deus e das riquezas. Pois, como é que Deus poderia favorecer uma pessoa, por mais rica que fosse, que o ama menos que a riqueza? Portanto, ser rico não significa estar nas graças de Deus – o que ainda sugere que ser pobre não significa automaticamente estar alijado das graças de Deus. O caso do homem rico corrige a suposição dominante, chocando os ouvintes mas possibilitando conceber de forma mais apropriada a relação de Deus conosco.

Não convidar os parentes para jantar?

Um exemplo notável desse tipo de ensinamento se encontra em Lucas 14. Ali Jesus está num “almoço de domingo” na casa de um líder religioso. Reparando que o anfitrião só havia convidado os seus parentes e vizinhos ricos, ele observa: “Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles como recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos” (vv. 12-14).

Ora, dependendo dos seus parentes, essa pode até acabar virando a sua passagem favorita da Bíblia! Jesus diz claramente para você não convidá-los para jantar. Mas será que ainda precisamos dizer que Jesus não está proibindo você de convidar familiares para jantar – embora ele explicitamente diga que não devemos fazê-lo? A passagem pode até alegrar certas pessoas, como se ele realmente tivesse dito isso, mas a verdade é outra.

Não estaremos desobedecendo a Jesus, portanto, se convidarmos a nossa mãe ou nossa tia e tio ou mesmo algum vizinho financeiramente estável para jantar. Tudo depende do que está no nosso coração. Ele simplesmente usa uma ocasião específica para corrigir a prática dominante de negligenciar aqueles que realmente são necessitados enquanto banqueteamos com os ricos que nos retribuiriam fazendo algo por nós.

Por outro lado, ele *está* sem dúvida nos exortando a ampliar o nosso restrito círculo de relacionamentos, colocando-nos assim no contexto mais amplo do reino dos céus onde temos outra mentalidade e coração independentemente de quem convidemos ou deixemos de convidar para jantar.

O caso do Bom Samaritano

Às vezes diversas “técnicas” de usar o concreto aparecem juntas nos ensinamentos de Jesus. Assim a *parábola*, a *ocasião* e o *caso* que contradizem a dominante suposição geral aparecem reunidos no exemplo do “bom samaritano” (Lc 10).

A ocasião aqui é aquela em que um intérprete da lei está testando a correção doutrinária de Jesus e acaba caindo na sua própria armadilha. Tendo concordado com Jesus em que para “herdar a vida eterna” é preciso amar o próximo como a si mesmo, ele acaba achando essa evidência mais rigorosa do que desejaria.

O “intérprete” então, à maneira dos eruditos, tenta se livrar da armadilha fazendo uma pergunta capciosa: “Quem é o meu próximo?” Esse é o tipo de coisa que os “eruditos” se orgulham de fazer – uma pergunta genérica que na prática nos deixa exatamente no ponto em que começamos. Ele estava tentando se justificar porque certamente sabia que não amava os seus próximos como a si mesmo. Mas então Jesus o tinha na palma da mão. Ele dá a esse homem e a todos os que estão em volta várias lições que não precisaram anotar nem “gravar” para lembrar.

Logicamente as palavras “bom samaritano” não aparecem no relato. Para aqueles que ouviam Jesus, essa expressão seria o que chamamos de “oxímoro”: uma combinação de palavras que não faz sentido. Para a grande maioria dos judeus daquela época,

poderíamos dizer que “o único *bom* samaritano é o samaritano morto”.

Jesus narra a história de forma tão magistral que o samaritano só entra já perto do final, antes que as portas da mente se possam fechar. O samaritano personifica perfeitamente a resposta à pergunta capciosa do intérprete – quem é o meu próximo? – e ao mesmo tempo destrói as suposições gerais a respeito de quem “logicamente” herda a vida eterna.

A história conta que um homem que viajava de Jerusalém para Jericó é assaltado por bandidos, que o espancam e o deixam quase morto, tirando-lhe tudo e abandonando-o na estrada. Então ali está um homem nu, ensangüentado, estirado na estrada e inconsciente (ou pelo menos incapaz de se mexer). Pela mesma estrada vem um sacerdote. O sacerdote (um ministro?) vê o triste quadro e passa o mais longe possível, seguindo o seu caminho. Depois vem um levita (um diácono ou presbítero?) – que talvez tenha observado a conduta do sacerdote – e faz exatamente a mesma coisa. Aquele homem não era o próximo nem do sacerdote nem do levita! Eles não tinham nenhuma responsabilidade em relação a ele. Nem sequer o conheciam. E provavelmente se apressavam rumo a Jerusalém para “fazer algo religioso”. Como esperar que eles se arriscassem a ficar ritualmente impuros só para ajudar alguém?

Tais são muitas vezes a vida e os pensamentos daqueles que não são destituídos de coisas espirituais – não “pobres em espírito” -, mas pelo contrário cheio delas.

Ora, pelo mesmo caminho vem agora o samaritano, o desprezado membro de uma raça miscigenada. Todo judeu sabia que os samaritanos não tinham uma lágrima sequer de algo verdadeiramente espiritual. *Não poderiam* ter. Mas o importante nesse homem – como, de resto, no sacerdote e no levita – é o seu coração. Logo que viu a vítima “compadeceu-se dele”. Logicamente isso o fez correr até o pobre homem e lhe prestar os primeiros socorros, dentro das suas possibilidades.

Mas, longe de fazer isso, ele o colocou sobre o seu próprio jumento, levou-o até um “hotel de estrada” e cuidou dele. No dia seguinte fez o hospedeiro prometer que cuidaria da vítima até que ele se recuperasse. Então deixou-lhe algum dinheiro e garantiu-lhe que

cobriria quaisquer despesas adicionais quando passasse por ali na volta.

Jesus realmente carregou nos detalhes. E, no entanto, a história é muito verdadeira. É um desses casos em que, com aquilo que podia muito bem ser uma mera parábola, Jesus talvez estivesse contando uma história que realmente acontecera. É o tipo de coisa que todos os seus ouvintes sabiam que de fato acontece. É o tipo de coisa que acontece ainda hoje.

Quando Jesus afinal faz a pergunta decisiva – “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu na mão dos salteadores?” -, qualquer pessoa decente só tem uma resposta a dar. Tergiversar mais seria revelar um coração irrecuperavelmente iníquo. Assim o intérprete teológico responde: “O que usou de misericórdia para com ele”. Para ele seria demais dizer apenas: “o samaritano”.

Como fazer de alguém o nosso próximo

Mas nós precisamos dizê-lo, e precisamos compreender o que isso significa. Significa que as suposições gerais dos ouvintes de Jesus sobre quem tem vida eterna precisam ser revistas à luz da condição dos corações das pessoas. O relato não ensina que podemos ter vida eterna apenas por amar o nosso próximo. Também não podemos nos safar com esse belo legalismo. A questão da nossa postura diante de Deus ainda precisa ser levada em conta. Mas na ordem de Deus nada pode substituir o amor pelas pessoas. E definimos quem é o nosso próximo pelo nosso amor. Fazemos de alguém o nosso próximo cuidando dele.

Não definimos primeiro uma classe de pessoas que serão os nossos próximos para depois elegê-los objetos exclusivos do nosso amor – deixando os outros estirados na estrada. Jesus habilmente rejeita a pergunta – “Quem é o meu próximo?” – e a substitui pela única pergunta realmente relevante aqui: “De quem serei eu o próximo?” E ele sabe que só podemos responder essa pergunta caso a caso no nosso dia-a-dia. De manhã ainda não sabemos quem será o nosso próximo naquele dia. A condição do nosso coração irá determinar quem é que, ao longo do caminho, será o nosso próximo, e

principalmente a nossa fé em Deus é que determinará se teremos força bastante para fazer desta ou daquela pessoa o nosso próximo.

Se Jesus estivesse aqui hoje, a história seria um pouco diferente. As palavras *bom samaritano* agora identificam na nossa sociedade uma pessoa de índole especialmente boa. Temos até leis para proteger os “bons samaritanos” quando eles fazem as suas “boas obras”.

Para tecer hoje o mesmo argumento, Jesus poderia colocar o “bom samaritano” no lugar do sacerdote ou do levita da narrativa original. Ou se ele vivesse no Israel de hoje, provavelmente contaria a parábola do “bom palestino”. Os palestinos, por outro lado, ouviriam um relato sobre o “bom israelense”.

Nos Estados Unidos, logicamente, ele nos contaria a parábola do “bom iraquiano”, do “bom comunista”, “do bom muçulmano” e assim por diante. Para alguns segmentos sociais, teria de ser a parábola da boa feminista ou do bom homossexual. Para outros ainda, a do bom cristão ou do bom freqüentador de igreja produziria o efeito desejado. De fato, diante de algumas atuais posturas seculares, falar do bom sacerdote ou do bom diácono talvez fosse o mais apropriado. Todos esses exemplos derrubam caras generalizações a respeito de quem com certeza tem ou não a vida eterna.

No relato do bom samaritano, Jesus não só nos ensina a ajudar os necessitados; num nível mais profundo, ele nos ensina que não podemos identificar quem “tem a vida eterna”, quem “está com Deus”, quem é “bem-aventurado” só por olhar as aparências. Pois essa é uma questão do coração. Só ali o reino dos céus e os reinos humanos, grandes e pequenos, estão entrelaçados. Estabeleça as fronteiras culturais ou sociais que quiser, e Deus dará um jeito de atravessá-las. “O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração” (1Sm 16.7). E “Aquilo que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus” (Lc 16.15).

Por que Jesus ensina desse modo

Esse método “concreto” ou contextualizado de ensinar é obviamente muito diferente do modo como tentamos ensinar e aprender hoje, e essa diferença dificulta compreender *o que* é precisamente que Jesus está ensinando. O que ele diz só pode ser compreendido se entendermos como ele ensina, e só podemos entender como ele ensina levando em conta o mundo em que esse ensinamento se dava.

Importa identificar, antes de tudo, que a meta do mestre popular do tempo de Jesus não era transmitir informações, mas operar uma mudança significativa na vida dos seus ouvintes. É claro que isso pode exigir comunicação de informações, mas é uma noção caracteristicamente moderna essa de que a meta do ensino é levar as pessoas a conhecer coisas que podem não exercer o menor efeito sobre a sua vida.

Nos dias de hoje os estudantes geralmente se imaginam como recipientes dotados de um espaço puramente passivo que deve ser preenchido com as informações que o professor possui e deseja transmitir – o modelo “da jarra para a caneca”. O professor deve preencher os espaços vazios do recipiente com uma “verdade” que pode ou não mais tarde fazer alguma diferença na vida do aluno. O professor precisa *introduzir* nos alunos as informações. Depois “testamos” esses alunos passivos para ver se eles “aprenderam”, verificando se conseguem *reproduzir* as informações via linguagem em vez de observar como vivem.

Assim, se fôssemos hoje convidados a ouvir o Sermão do Monte – ou, o que é mais provável atualmente, o “Seminário do Sheraton” -, iríamos munidos de blocos de anotações, canetas e gravadores. Ficariamos surpresos se encontrássemos os discípulos “apenas ouvindo” Jesus e olháriamos em volta para ver se havia alguém gravando as palavras para ter certeza de que todos poderiam ter acesso a todas as informações se quisessem.

Atravessando a multidão até o braço direito, Pedro, talvez perguntássemos onde estavam os blocos de anotações e os outros materiais da palestra; e ficaríamos ainda mais surpresos ao ouvi-lo dizer: “Trate apenas de ouvir!” Talvez apertemos o botão “record” ao sentar, aliviados porque pelo menos vamos gravar todas as informações espirituais – se as pilhas não estiverem fracas e se a fita não enrolar.

A relação mestre/discípulo era de fato tão diferente no tempo de Jesus que mal conseguimos retratá-la hoje. Escrever não era lá muito incomum, mas também não era um meio viável de registrar o que o mestre dizia. Além disso, a mera “informação”, como hoje a conhecemos, não era valorizada.

Logicamente sempre foram prezadas as informações relevantes para uma verdadeira necessidade. Mas querer meramente “saber coisas” como geralmente fazemos hoje no ensino médio e na faculdade seria risível – se concebível, aliás. O saber pelo saber não fazia sucesso na época. (E uma pessoa ponderada de hoje pode muito bem se perguntar qual o futuro de uma sociedade cujo sistema educacional beira o estado de colapso. Mas isso já é outra história!)

O professor nos tempos de Jesus – especialmente o mestre religioso – ensinava de modo a influenciar a vida do aluno, deixando uma impressão duradoura sem o artifício de anotações, gravadores ou mesmo memorização. Qualquer coisa que não deixasse tal impressão simplesmente não servia. Ponto final. E, logicamente, isso vale para as leis da mente e do eu.

Lembro-me perfeitamente bem de onde eu estava e do que estava fazendo quando ouvi a notícia de que John Kennedy fora assassinado. Eu e meu irmão Duane jogávamos basquete com os outros alunos do antigo ginásio da Universidade de Wisconsin em Madison. Tínhamos acabado de encerrar o jogo e estávamos deixando a quadra. Lembro exatamente em que canto do ginásio eu estava e para onde estava virado no instante em que soube. Não anotei nada, nem memorizei. Milhões de pessoas hoje podem fazer um relato pormenorizado semelhante do momento em que souberam desse fato.

Lembramo-nos automaticamente daquilo que realmente marca a nossa vida. O segredo do grande professor é falar palavras, propiciar experiências, que influenciem ativamente a vida do aluno. É isso que Jesus fazia quando ensinava. Ele ligava os seus ensinamentos a acontecimentos concretos que compunham a vida dos ouvintes. Ele dirigia as suas palavras aos corações e aos hábitos cotidianos das pessoas.

Ele ainda hoje nos surpreende na plenitude do nosso vôo, acompanhando-nos lado a lado, supondo as nossas suposições, e suave mas firmemente esvaziando o balão. E quando o vemos

fazendo isso, não precisamos tentar “aprender” nem memorizar. O que ele faz marca a nossa vida, quer queiramos, quer concordemos quer não. No final teremos de nos ajustar de algum modo à verdade das suas palavras. As parábolas, os incidentes, os casos em que já não serve a nossa generalização direcionadora a respeito de “como as coisas são”, acabam se arraigando na nossa cabeça e produzindo seu efeito certo. O hábil mestre realizou a sua obra – ou, antes, continua realizando a sua obra.

Porém Jesus não só ensinava dessa forma, mas também ensinava a nós, seus alunos no reino, a ensinar assim. Ele pregou sobre como ensinar no reino dos céus – usando, é claro, uma parábola. “Por isso todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito cousas novas e cousas velhas” (Mt 13.52). Mostrando aos outros a presença do reino nos detalhes concretos da vida que partilhamos, influenciemos as vidas e os corações daqueles que nos ouvem, não apenas os seus pensamentos. E eles não precisarão anotar nada para registrar a mensagem.

O QUE JESUS REALMENTE TINHA EM MENTE NAS SUAS BEM-AVENTURANÇAS

Um rasante sobre a versão lucana das Bem-aventuranças

Munidos, já, desse entendimento da maneira como Jesus ensina, voltemos às Bem-aventuranças – agora à versão de Lucas, que parece mais intransigente e mais difícil de “maquiar” do que a de Mateus, e na qual as “bem-aventuranças” vêm acompanhadas daqueles “infortúnios” absolutamente inflexíveis a que já nos referimos.

A cena aqui é um tanto diversa daquela registrada em Mateus. Parece-me até que não estamos lidando com um relato diferente do mesmo sermão, embora sejam muitos os tópicos comuns aos dois.⁷ Aqui Jesus acaba de passar a noite inteira nos montes em oração, preparando-se para destacar doze dos seus discípulos como emissários especiais, ou “apóstolos”, à história do mundo.

⁷ A opinião dos estudiosos se divide quanto à hipótese de Lucas 6 nos dar um sermão diferente de Mateus 5-7. Ver em Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Luke* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1964), pp. 176ss., um resumo de opiniões a respeito da relação entre essas duas passagens.

De manhã cedo ele chama os discípulos e aponta os doze “contemplados”. Depois descem juntos a uma planície onde “grande multidão do povo” de todos os cantos se havia reunido “para ouvi-lo e ser curados de suas enfermidades... E todos da multidão procuravam tocá-lo, porque dele saía poder, e curava a todos” (6.17-19).

Nesse contexto familiar ele se dirige aos seus alunos e lista quatro grupos de pessoas que são bem-aventuradas *porque* as provisões de Deus descem dos céus até eles.

Os pobres.

Os famintos.

Os que choram.

Os que são odiados e maltratados por estar ligados a Jesus.

São pessoas, repito, que estão ali na multidão em torno dele. Sem dúvida nenhuma seria difícil fazer essa gente parecer boa. Ainda estou para encontrar alguém que tente traduzir assim a primeira bem-aventurança de Lucas: “Bem-aventurados vós, os que pensam que são pobres”. É claro, contudo, como mostra a história da igreja, que muitos pregaram que a pobreza, a miséria e o martírio são condições meritórias que de algum modo santificam e justificam a bem-aventurança junto a Deus.

Porém, com a mesma certeza podemos dizer que ao longo dos séculos multidões de homens foram e são pobres, famintos e aflitos sem no entanto deixar de ser ímpios como o próprio pecado – o que não impede que sejam alvo de compaixão. Também houve e há muitos que, em virtude da censura sofrida por causa de Jesus, acabaram por rejeitá-lo e se encheram de amargura contra Deus e contra os homens. Esses de modo nenhum são bem-aventurados.

São coisas que todos sabemos serem verdade. “Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres”, salienta Paulo, “e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.” Portanto, seja qual for o significado das Bem-aventuranças, certamente não listam condições que garantam a aprovação de Deus, a salvação ou a felicidade.

Do mesmo modo, a menos que tenhamos um círculo admiravelmente restrito de relações, todos sabemos que há pessoas que agradam a Deus e que têm a sua bênção *sem* ser pobres,

famintos, aflitos ou perseguidos. Elas confiam em Jesus de todo o seu coração, e amam e servem ao seu próximo e aos outros em nome de Cristo. Seus corações estão cheios de paz e alegria na fé, e eles “praticam a justiça, amam a misericórdia e andam humildemente com o seu Deus”. Só os que foram cegados pelos compromissos assumidos anteriormente continuam a insistir que é necessário figurar nessa lista de “bem-aventuranças” para viver com as bênçãos de Deus.

As Bem-aventuranças como proclamação do reino

O que então quer dizer Jesus com as suas Bem-aventuranças? Como viver segundo elas? Foi essa a pergunta que fizemos no início deste capítulo, e é hora agora de respondê-la.

Já apontamos a chave para a compreensão das Bem-aventuranças. Elas servem para esclarecer a mensagem fundamental de Jesus: a graciosa disponibilidade do governo e da justiça de Deus para toda a humanidade pela fé no próprio Jesus – a pessoa que hoje, livre, está no mundo e no meio de nós. E o fazem simplesmente tomando aqueles que, do ponto de vista humano, são tidos como os mais desesperançados, os mais distantes das bênçãos ou mesmo do interesse de Deus, e mostrando que *mesmo eles* recebem o afago divino e a abundante provisão dos céus.

Essa evidência do amor e da provisão de Deus prova a todos que nenhuma condição humana exclui a bem-aventurança, que Deus pode estender a mão a qualquer pessoa com o seu amor e a sua libertação. De fato, Deus às vezes ajuda aqueles que não podem, ou talvez simplesmente não queiram ajudar a si mesmos. (Mas basta de generalizações!) O sistema religioso do tempo de Jesus marginalizava as multidões, mas Jesus a todos acolhia no seu reino. Qualquer um podia entrar; a oportunidade era igual para todos. Ainda hoje é. Esse é o evangelho das Bem-aventuranças.

Analise a lista dos “excluídos”, dos “espezinhados, estapeados e traídos”. É interessante notar que Simon e Garfunkel conseguiram registrar a idéia de Jesus na sua velha canção, enquanto muitos de nós “doutores” não a compreendemos. Já analisamos os espiritualmente falidos e despossuídos. Agora passemos àqueles que choram. Lucas a eles se refere como “os que agora chorais” (6.21):

homens ou mulheres abandonados pelos companheiros, paralisados pela rejeição, por exemplo; um pai corroído pela angústia e pela depressão causada pela morte da filha pequena; pessoas que, já consideradas “velhas” pelo mercado de trabalho, perderam o emprego, o negócio ou as economias por conta do “esfriamento da atividade econômica” ou da política de renovação da empresa na qual investiram a própria vida. São tantas as coisas que nos cortam o coração! Mas quando vêm o reino em Jesus, quando entram nele e aprendem a viver nele, então encontram consolo e as suas lágrimas se fazem riso. Sim, então ficam ainda em melhor situação do que antes da catástrofe.

Depois vêm os mansos. (“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.”) Esses são os tímidos, os intimidados, os meigos, os hesitantes. Descem da calçada para deixar os outros passar como se fosse o certo a fazer, e se algo dá errado em torno deles, automaticamente imaginam ter parte da culpa. Quando os outros se adiantam e falam com convicção, eles se encolhem, as cordas vocais quem sabe até vibrando, mas sem produzir som. Não proclamam as suas legítimas reivindicações a menos que encurralados, e mesmo então geralmente com uma raiva pouco eficaz. Mas quando o reino dos céus os envolve, toda a terra é do seu Pai – e deles também na medida da sua necessidade. O Senhor é o seu pastor: nada lhes faltará.

A seguir vêm os que ardem de desejo de que se faça justiça. (“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.”) Talvez o erro esteja neles mesmos. Pode ser que tenham errado tanto que dia e noite se encolhem diante do seu próprio pecado, clamando intimamente para que sejam purificados. Ou quem sabe tenham sido gravemente aviltados, tenham sofrido alguma terrível injustiça, e os consuma o desejo de ver reparada essa injustiça – como os pais que ficam sabendo que o assassino do seu filho foi rapidamente libertado da prisão e deles se ri. Todavia o reino dos céus tem uma química que pode transformar até o passado e fazer perdas terríveis e irrecuperáveis parecer insignificantes diante da grandeza de Deus. Ele restaura a nossa alma e nos enche da bondade da justiça.

Os misericordiosos também estão na lista. (“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.”) A sabedoria do mundo certamente dirá: “Ai dos misericordiosos, porque serão acintosamente usados”. E, fora do reino dos céus, não há nada mais

verdadeiro. Meus pais foram à falência e perderam a sua loja de roupas no início dos anos 30, pouco antes de eu nascer. Foram os anos da depressão, e eles simplesmente não conseguiam fazer as pessoas pagar pelo que necessitavam. As roupas eram vendidas “a crédito”, mesmo quando se sabia que não haveria pagamento nenhum.

Uma história comum, sem dúvida. Os misericordiosos são sempre desprezados por aqueles que sabem “cuidar dos negócios”. Contudo, longe da ordem humana, debaixo da esplêndida profusão da bondade celestial, eles mesmos alcançam misericórdia que os satisfaz, muito além de qualquer “reivindicação” que possam fazer a Deus.

E há também os limpos de coração, aqueles para quem nada é suficientemente bom, nem eles mesmos. (“Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus.”) Esses são os perfeccionistas. São espinho na carne de todos, principalmente deles mesmos. Na religião certamente encontrarão erros na *sua* doutrina, caro leitor, na sua prática e provavelmente também no seu coração e nas suas atitudes. Podem ser até mais duros consigo mesmos. Examinam incansavelmente as suas próprias motivações. Queriam que Jesus lavasse as mãos mesmo que não estivessem sujas, e o chamavam de glutão e bebedor de vinho.

Sua comida nunca é cozinhada direito; suas roupas e seus cabelos nunca os satisfazem; eles podem lhe dizer o que há de errado em qualquer coisa. Como são infelizes! E no entanto o reino está aberto até mesmo para esses, e ali enfim encontrarão algo que satisfaça o seu coração limpo. *Verão a Deus*. E quando o virem encontrarão o que vinham buscando, alguém que de verdade é suficientemente bom.

Os pacificadores também estão presentes. (“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.”) Eles estão na lista porque, como geralmente se diz, fora do reino “são chamados de tudo, *menos* de filhos de Deus”. Isso porque vivem se intrometendo. Converse com o policial chamado para apartar uma briga doméstica. Não há situação mais perigosa. Nenhum dos lados confia em você. Como sabem que você está olhando os dois lados, sabem que não pode estar do lado deles.

Mas no reino de Deus reconhece-se que quem leva o bem a pessoas que estão no erro (como geralmente estão os dois lados) demonstra semelhança com a família divina, “pois ele é benigno até para com os ingratos e maus” (Lc 6.35). O pacificador lida precisamente com os ingratos e os maus, como qualquer um que já tenha tentado sabe muito bem.

Depois temos aqueles que são atacados por defender aquilo que é justo. (“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.”). Esses muitas vezes não só sofrem molestamentos temporários, mas têm a sua vida arruinada ou são mortos simplesmente por se recusar a concordar com o que está errado.

Fazem-se leis para proteger os “cagüetes” em certos casos, mas aquilo de que a lei pode protegê-los perde longe para o prejuízo que muitas vezes se faz. A maioria das coisas erradas nos negócios humanos simplesmente não se pode remediar via leis. É uma posição terrivelmente desconfortável. Porém também esses podem participar do reino dos céus, e quando participam, isso lhes basta para que passem a desfrutar de uma vida bem-aventurada. Vivenciam uma segurança inabalável na qual não podem mais ser prejudicados.

Finalmente, vemos os injuriados, perseguidos e vítimas de mentiras porque “perderam o juízo e se deixaram levar por esse tal Jesus”. Certamente era assim que os seus discípulos eram encarados naquele tempo. “Eles realmente acreditam que esse carpinteiro aborrecido é o enviado para salvar o mundo!” Para alguém que nunca tenha recebido esse tipo de tratamento, é quase impossível perceber o quanto é aviltante.

Do ponto de vista humano, talvez seja essa a condição mais afastada da bênção de Deus, pois você está, aos olhos da sociedade, justamente ofendendo a Deus. Assim, quando eles matam você, pensam que fazem um favor a Deus (Jo 16.2). Porém, diz Jesus, dê pulos de alegria se isso acontecer, por saber que você tem agora uma recompensa excelente e imperecível no mundo de Deus, nos céus. A sua reputação é grande perante Deus Pai e a divina família eterna, cuja companhia, amor e recursos são agora e para sempre a sua herança.

Já me disseram que a interpretação das Bem-aventuranças que aqui apresento funciona bem em todos os casos, exceto naqueles dos que têm fome e sede de justiça e dos limpos de coração. Mas se a antiga “engenharia” ou interpretação legalista está errada, está errada também nesses casos. É extremamente improvável que Jesus quisesse dizer uma coisa nas outras Bem-aventuranças e outra coisa nessas duas. Além disso, acredito que a interpretação que dei a essas duas é intrinsecamente razoável diante das diversas traduções possíveis de termos como *dikaiousunen* (v. 6) e *hoi katharoi te kardia* (v. 8).

Bem-aventurança sob o ministério pessoal de Jesus

Assim, proclamando bem-aventurados aqueles que os homens reputam irrecuperáveis, e decretando infortúnios para aqueles que supostamente estão bem, Jesus abre o reino dos céus para todos.

Dois outros famosos episódios da vida de Jesus enfatizam o vínculo entre as Bem-aventuranças e a vida e o ministério de Jesus.

O primeiro é a volta à cidade onde fora criado, Nazaré, na onda de popularidade que saudou a sua entrada na vida pública. A sua fama crescente o precedeu, e na reunião do sábado ele manifestou o desejo de ler e comentar as Escrituras, como comumente se fazia.

Ele leu um trecho do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19). Diz assim ao povo da sua cidade que é por meio dele que essas bênçãos lhes seriam dadas.

A reação do povo foi violenta. Tentaram matá-lo porque compreenderam claramente que Jesus alegava ser o líder ungido por Deus, conquanto soubessem ser ele “o filho de José”, o carpinteiro, que trabalhara para muitos dos presentes.

Mas repare quem está entre aqueles que Jesus menciona usando as palavras do profeta: os pobres, os cativos, os cegos, os oprimidos. Claramente é o mesmo tipo de lista que encontramos tanto em Mateus quanto em Lucas. É uma lista de pessoas que a humanidade

considera causas perdidas, mas que assim mesmo, nas mãos de Jesus, conhecem a bem-aventurança do reino dos céus.

O segundo episódio é bem posterior. João Batista já está preso há algum tempo, mas vem acompanhando da prisão a obra de Jesus. João sempre fora muito limitado na sua compreensão de Jesus. Não era tarefa sua compreendê-lo. Mas ele ficava cada vez mais preocupado ao ver que Jesus não fazia o que qualquer Messias forte certamente faria: tomar o poder e consertar o mundo. Por fim ele envia os seus discípulos para que perguntem diretamente a Jesus se ele é aquele que estava para vir, o ungido, ou se deveriam esperar outro.

Jesus mandou os discípulos de João simplesmente relatarem ao mestre o que haviam ouvido e visto em torno de Jesus: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho”. Depois ainda acrescentou uma bem-aventurança: “E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço” (Mt 11.4-6).

A palavra aqui traduzida como “bem-aventurado”, *makarios*, é a mesma usada em Mateus 5 e Lucas 6. Refere-se ao mais elevado bem-estar possível para o ser humano, mas é também o termo que os gregos usavam para exprimir o tipo de existência feliz característica dos deuses. Mais importante, porém, é notar aqui a lista de “casos perdidos” que são bem-aventurados pela suficiência de Deus em atendê-los na sua estarrecedora necessidade. O ministério que Jesus desenvolve do seu reino atual lhes traz bem-aventurança.

De fato, essa transformação de status para os mais humildes, os humanamente desesperançados, quando sentem a mão de Deus a tocá-los na sua condição, é possivelmente o tema mais onipresente no texto bíblico. Certamente é um componente importante da grande inversão discutida no capítulo anterior.

Algumas das passagens mais significativas na ênfase da transformação de status operada por Deus são o “Cântico de Moisés e Miriã” em Êxodo 15, a oração de Ana em 1 Samuel 2, a história de Davi e Golias em 1 Samuel 17, a oração e a batalha de Josafá em 2 Crônicas 20, e o “Magnificat” da virgem Maria em Lucas 1. Os Salmos 34, 37, 107 e outros celebram esse tema da mão de Deus que

exalta os humildes e rebaixa os altivos na hierarquia humana. O reinado de Deus sobre a vida é a boa nova de toda a Bíblia: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is 52.7).

É precisamente essa inversão fundada em Deus que Jesus exprime nas palavras freqüentemente repetidas a respeito da inversão entre os “primeiros” e os “últimos”. Sem dúvida nenhuma a reação inicial que a maioria de nós ensaia ao ouvir falar do amor de Deus por nós é pensar que ele vai garantir a realização dos vários sonhos que acalentamos no coração. No episódio do “homem rico” que examinamos pouco acima, Pedro argumentou com Jesus que ele e os outros discípulos haviam, diferentemente do homem rico, deixado tudo para segui-lo. “Que ganharemos com isso?”, queria ele saber.

Jesus respondeu que eles seriam muitas vezes recompensados nesta vida por todos os seus sacrifícios, e receberiam a vida eterna no mundo por vir. “Porém”, acrescentou, “muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros” (Mc 10.31). Ele sabia que boa parte daquilo que Pedro e os outros julgavam importantes na verdade não era, e que aquilo que julgavam insignificante muitas vezes tinha grande importância perante Deus. O seu modo de pensar teria de ser reestruturado para que pudessem compreender a “recompensa” que receberiam por deixar tudo para segui-lo. Por isso Jesus acrescenta a sua fórmula “inversora” para ajudá-los a continuar refletindo.

Em geral, muitos daqueles que o mundo considera bem-aventurados ou “primeiros” são infelizes ou “últimos” para Deus, e muitos daqueles considerados amaldiçoados ou “últimos” pelo mundo podem muito bem ser bem-aventurados ou “primeiros” para Deus, desde que se arraiguem no reino de Jesus. Muitos, mas não necessariamente *todos*. As Bem-aventuranças representam listas dos “últimos” segundo os homens, que, sendo tocados pelos céus, tornam-se “primeiros” segundo Deus. O evangelho do reino afirma que ninguém está excluído da bem-aventurança, pois o divino governo dos céus está ao alcance de todos. Todos podem alcançá-lo, e ele pode alcançar a todos. A forma correta de encarar as Bem-aventuranças de Jesus é viver como se fosse assim, com relação aos outros e a nós mesmos.

PERSONALIZANDO ESSA MENSAGEM PARA NÓS HOJE

E a sua lista dos bem-aventurados?

Você vive realmente a boa nova do reino se aborda com confiança qualquer pessoa desesperançada à sua volta e, naturalmente, lhe transmite a garantia de que ela pode entrar agora numa vida bem-aventurada com Deus.

Quem é que faria parte da sua lista atual de “desesperançados passíveis de alcançar a bem-aventurança”? Certamente todos os que figuram nas listas de Jesus, pois embora sejam meramente ilustrativas, são também atemporais. Mas será que nós, seguindo a sua liderança de mestre, podemos concretizar ainda mais o evangelho para as pessoas à nossa volta? Quem é que você consideraria as pessoas mais desafortunadas à sua volta?

O lado ingênuo da salvação?

Antes de tudo, é bom lembrar que há nessa pergunta um elemento ingênuo – que súbito se torna sombrio. Se você analisar a publicidade e os acontecimentos que freqüentam os jornais e outros meios de comunicação – aquilo com que você se depara, por exemplo, nas caixas dos supermercados, nas bancas de jornais, nas livrarias, no rádio e na televisão –, pode vir a pensar que as pessoas mais infelizes do mundo hoje são os gordos, os deformados, os carecas, os feios, os velhos e aqueles que não se envolvem incansavelmente em casos amorosos e sexuais ou que não praticam exercícios físicos com os equipamentos da moda.

A triste verdade é que muitas pessoas à nossa volta, e especialmente os adolescentes e os adultos jovens, vagam à deriva numa vida em que ser esbelto, ter os músculos bem definidos, exibir cabelos “deslumbrantes”, parecer jovem e por aí fora são os únicos critérios de bem-aventurança ou infortúnio. É só o que sabem. Nada mais ouviram. Muitas pessoas hoje realmente vivem assim.

A julgar por aquilo a que elas dedicam tempo e trabalho, é fácil convencer-se de que ser gordo, ter pouco cabelo ou má aparência, ser enrugado ou flácido equivale para elas a uma condenação incondicional. Elas se acham além dos limites da aceitabilidade

humana. Isso para elas é pura verdade, por mais ingênuo que pareça. Dizer – “Como você é ingênuo!” – não é exatamente a forma ideal de levar-lhes a boa nova do reino de Jesus.

Em vez disso, Jesus cuidou de salientar na sua doutrina a beleza natural de cada ser humano. Ele salienta que a pessoa mais glamourosa que você conhece (“Salomão, em toda a sua glória”) não chega a ser tão arrebatadoramente belo quanto uma simples flor do campo. Para observar isso, basta colocar um narciso lado a lado com qualquer participante da festa da vitória do presidente eleito ou da solenidade de entrega do Oscar. Mas a vida abundante do reino que flui através de nós nos faz naturalmente mais belos do que as flores. “Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?” (Mt 6.30).

Esse é o evangelho para um mundo ingênuo, que se faz ainda mais necessitado porque a ingenuidade se torna para muitos uma questão de vida ou morte. O pecado, aliás, é ingenuidade. Se o reino não nos alcançasse na nossa ingenuidade, *quem* seria salvo? A perdição não precisa estufar o peito para achar redenção.

Então precisamos meditar no nosso coração que:

Bem-aventurados são os fisicamente repulsivos,
 Bem-aventurados os que cheiram mal,
 Os doentios, deformados e deficientes,
 Os gigantes, os anões, os de aparência ofensiva,
 Os carecas, os gordos e os velhos...

Pois todos eles são ruidosamente celebrados na festa de Jesus.

O lado mais grave

Mas há também os “gravemente” oprimidos: os reprovados, rejeitados e fracassados. Os falidos e os aflitos. Os drogados e os divorciados. Os soropositivos e os herpéticos. Os deficientes mentais, os doentes terminais. As estéreis e as grávidas de filhos indesejados. Os que trabalham demais, os que sofrem no subemprego, os desempregados. Os que nem têm esperança de encontrar emprego. Os que foram fraudados, passados para trás,

substituídos. Os pais de crianças que vivem nas ruas, os filhos de pais que teimam em não morrer nas casas de “repouso”. Os solitários, os incompetentes, os estúpidos. Os emocionalmente ávidos ou emocionalmente mortos. E a lista continua indefinidamente. Será verdade que a “Terra não tem pesar que o céu não pode curar?”⁸ É verdade, sim! É exatamente isso que nos diz o evangelho da acessibilidade dos céus que nos chega pelas Bem-aventuranças. E você não precisa esperar a morte. Jesus oferece a toda essa gente, e agora, a bem-aventurança no reino atual – sejam quais forem as circunstâncias. A condição de vida buscada pelo ser humano ao longo dos séculos se alcança na amizade tranqüilamente transformadora de Jesus.

E o lado imoral

Mesmo os moralmente fracassados serão recebidos por Deus se vierem a ter fé em Jesus, a confiar nele e a fazer dele seu companheiro no reino de Deus. Assassinos e molestadores de crianças. Os brutais e os intolerantes. Os chefões do tráfico e os produtores de material pornográfico. Os criminosos de guerra e sádicos. Os terroristas. Os pervertidos e os sórdidos, e os sordidamente ricos. Gente como David Berkowitz (o “Filho de Sam”), Jeffrey Dahmer* e o coronel Noriega.

Será que não podemos ter alguma solidariedade para com os contemporâneos de Jesus que o insultaram? “Este recebe pecadores e come com eles.” Às vezes percebo que na verdade não quero que o reino se abra a essas pessoas. Mas está aberto, sim. Assim é o coração de Deus. E não podemos reduzi-lo ao nosso tamanho, como Jonas aprendeu por experiência própria ao pregar para os ímpios ninivitas.

Na primeira carta de Paulo à igreja de Corinto, ele dá uma lista impressionante dos que, persistindo no mal, não “herdarão o reino de Deus”: “nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores” (6.10). Depois acrescenta: “Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas

⁸ “Come, Ye Disconsolate”, hino número 327 em *The Modern Hymnal* (Dallas; Broadman, 1926).

* Dois famosos assassinos em série dos EUA. (N. do T.)

fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”.

Se eu, pecador arrependido que sou, aceito a boa nova de Jesus, posso ir ter com o assassino de milhares e lhe dizer: “Você pode ser bem-aventurado no reino dos céus. Há um perdão que não tem limite”. O mesmo posso dizer ao pederasta e ao incestuoso. Ao adorador de Satanás. Àqueles que roubam os idosos e os fracos. Ao trapaceiro e ao mentiroso, ao extorsivo e ao vingativo. A todos os que se refugiam nos braços do Reino no Meio de Nós: bem-aventurados! bem-aventurados! bem-aventurados!

Esse é o imundo povo de Deus. No meio dele uma Corrie Ten Boom estende a mão ao nazista que matou os seus familiares. * A cena verdadeiramente não é deste mundo. Qualquer congregação espiritualmente saudável de crentes em Jesus fará lembrar esses “tições tirados do fogo”, os convertidos. Se o grupo é totalmente excelente, eis um sinal seguro de que algo deu errado. Pois aqui estão os loucos, os fracos, os humildes e os desprezados deste mundo, aqueles a quem Deus escolheu para anular os grandes dentre os homens (1Co 1.26-31; 6).

Entre eles estão de fato alguns dos humanamente sábios, dos influentes, da elite social. Esses também podem entrar no reino. Deus não se deixa perturbar por eles. Mas as Bem-aventuranças não são tampouco uma lista de gigantes espirituais. É comum perceber certa nobreza peculiar, certa glória nesses “bem-aventurados”. Mas não é algo que proceda deles. É o fulgor do reino que está no meio deles.

Esses serão o sal da terra, a luz do mundo

Falando a essas pessoas comuns, às “multidões”, que por intermédio dele haviam encontrado bem-aventuranças no reino, Jesus lhes diz que são eles, e não os “melhores e mais brilhantes” na escala humana, que tornarão saudável a vida na terra se viverem no reino (Mt 5.13-16). Deus lhes dá “luz” – verdade, amor e poder – para que sejam a luz das suas vizinhanças. Ele os faz “sal” para purificar, conservar e dar sabor aos tempos em que viverão.

* Corrie Ten Boom foi uma famosa cristã holandesa, presa durante a Segunda Guerra Mundial por ajudar os judeus a escapar das forças de ocupação nazistas. (N. do T.)

Essa gente “humilde” desprovida de qualquer das características que os homens insistem serem necessárias, são os únicos que podem efetivamente fazer o mundo dar certo. É como as coisas se dão entre eles que determina o caráter de toda era e todo lugar. E Deus lhes dá um certo brilho, como quem acende uma lâmpada para iluminar a todos dentro da casa. Do mesmo modo, Jesus diz àqueles que tocou: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

Paulo considerava que a completa extirpação das distinções sociais e culturais como *fundamento* da vida em Deus era essencial para a presença de Jesus no seu povo. Isso significa nada menos que um *novo tipo de humanidade*, o “descendente de Abraão”. Aqueles que, na linguagem de Paulo, “de Cristo se revestiram” não levam em conta as distinções entre judeu e grego, entre escravo e homem liberto, entre homem e mulher. Se são “de Cristo”, herdaram a vida no reino, como fez Abraão pela fé (Gl 3).

Na declaração análoga aos discípulos de Colossos, Paulo diz que na nova humanidade, cujo conhecimento da realidade se conforma ao ponto de vista do Criador, nenhuma distinção se faz entre grego e judeu, entre aqueles que são circuncidados e aqueles que não são, seja bárbaro, cita, escravo ou livre, pois o Cristo em cada um é a única coisa que importa (Cl 3.10-11).

A inclusão do cita aqui é instrutiva e deve ser entendida como referência à classe mais baixa na hierarquia humana. O cita era o bárbaro do bárbaro, considerado um selvagem absolutamente bruto – em larga medida porque o era de fato. Porém, “Bem-aventurados os citas”. Eles podem receber a bênção no reino tanto quanto o mais perfeito judeu ou grego.

A política de Paulo com respeito à comunidade redentora meramente segue o evangelho das Bem-aventuranças. Ele se recusava a fundar qualquer coisa na excelência do discurso, da compreensão e da cultura *como realizações do ser humano*. Antes, edificando a obra de Deus ele desconsiderava tudo na nova humanidade, salvo o que provinha de Jesus na sua crucificação e além: “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (1Co 2.2). Ou, como ele diz em 2 Coríntios 5.16-17: “Nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos a Cristo segundo a carne, já agora não o

conhecemos deste modo. E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”.

Seguramente temos aqui um ponto de vista radicalmente revolucionário que explica por que Jesus, ao concluir o pronunciamento das “bem-aventuranças” e do governo de Deus em Mateus 5, acha necessário alertar: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas” – ou seja, abolir toda a ordem estabelecida no que tocava aos que o ouviam.

Obviamente ele teve de dizê-lo porque era *exatamente isso* que os seus ouvintes estavam pensando! Não conseguiam conceber outra coisa! Não tinham acabado de ouvir outra inútil lista de legalismos, por belos que fossem, e sabiam disso. Tinham acabado de ver endireitado um mundo que vivia de cabeça para baixo.

A Lei e os Profetas tinham sido distorcidos a fim de autorizar uma ordem social opressora, embora religiosa, que colocava homens fulgurantes – os ricos, os instruídos, os “bem-nascidos”, os populares, os poderosos e assim por diante – na posse de Deus. A proclamação de Jesus claramente os despejou da sua posição privilegiada e elevou os homens comuns, destituídos de qualificações humanas, à comunhão divina pela fé em Jesus.

Essa é a poderosa mensagem, suficiente para confundir completamente um povo simples que vivia absorto no trabalho de sol a sol e que não conhecia outra ordem senão aquela que lhes impunham os intérpretes religiosos tão zelosos dos seus próprios privilégios. Por isso Jesus os exortou a respeitar a lei – a cumpri-la, não aboli-la – ao passar, em Mt 5.20 e adiante, a explicar o que de fato significa a lei para os homens no reino de Deus. No próximo capítulo veremos como eles devem respeitar a lei e ir, aliás, além da justiça dos escribas e fariseus.

Extraído de *A Conspiração Divina*
Dallas Willard
Editora Mundo Cristão, 2001